DENISE MALDI (1954-1996)

ROQUE DE BARROS LARAIA
Professor Emérito
Universidade de Brasília

Foi em 1972 ou 1973 que comecei a prestar atenção em Denise Maldi. Ela era minha aluna na disciplina Antropologia Cultural e apresentou, como trabalho final, um pequeno artigo em que analisava as relações de parentesco em *O Romance da Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. A leitura do texto me deu a certeza de que aquela menina de vinte anos poderia se transformar em uma excelente antropóloga. Fui seu professor em outras disciplinas e, cada vez mais, a minha convicção aumentava. Anos depois, ela nos falou da importância do curso de graduação para a sua definição de vida. Relembrou o fato de que o aluno, uma vez decidido pela Antropologia, "passava a merecer uma atenção voltada para a sua formação acadêmica num contexto de totalidade, recebendo uma sólida formação teórico-metodológica"[1]. Mostrou como os alunos se inseriam nas pesquisas que estavam sendo realizadas pelos professores; ela por exemplo realizou a sua primeira experiência em trabalho de campo, junto aos índios Terena urbanos, na cidade de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, a convite do Prof. Roberto Cardoso de Oliveira.

Aluna de graduação, justamente nos anos de chumbo, quando a Universidade demonstrou com maior veemência a sua oposição ao regime militar, revelou o conflito que ocorria entre os alunos de Antropologia, fortemente influenciados pelo estruturalismo, e os alunos de orientação

---

1. "Memórias da UnB — Lembranças de um aprendiz de feiticeiros", texto lido por Denise Maldi, em 1992, durante a comemoração dos vinte anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, ms.

Anuário Antropológico/96
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997

marxista do Departamento de Ciências Sociais, que rotulavam Lévi-Strauss de reacionário.

Decidida a seguir o caminho da etnologia indígena, compreendeu logo a importância do estudo de parentesco e talvez tenha sido neste momento que eu comecei a ser o seu orientador. Além disto, em sua consciente preparação para se tornar uma pesquisadora, freqüentou uma disciplina ministrada por Julio Cezar Melatti sobre as monografias clássicas. "Lendo as versões originais — disse ela — íamos aprendendo que a teoria antropológica não se dissociava da etnografia e que as grandes etnografias marcavam a história da disciplina. Discutindo como outros haviam feito, almejávamos o fazer. Refletíamos, na verdade, sobre o fazer antropológico, ao mesmo tempo em que o conhecimento sobre as diferentes culturas aumentava o fascinante panorama da alteridade" (*idem*).

Denise terminou a sua graduação em 1976, quando já estava casada, e mudou-se para Rondônia. A sua personalidade irrequieta não permitiu que fosse, apenas, mais uma dona de casa. Em Rondônia, trabalhou no Serviço de Patrimônio Histórico, na Secretaria de Educação e, sobretudo, viajou muito pelo, então, inóspito interior, visitando e mesmo residindo em aldeias indígenas, em companhia de seu marido, o sertanista Apoena Meireles. De vez em quando, passava por Brasília e me procurava para falar de seu deslumbramento diante dos fantásticos mundos que ia conhecendo cada vez mais[2].

No início dos 80, mudou-se para Cuiabá. O novo ambiente, de certa forma prolongamento do primeiro, não arrefeceu o seu interesse pela etnologia do oeste brasileiro. No final de 1983, conseguiu uma forma de conciliar a sua vida familiar com o estudo de pós-graduação. Procurou-me, com seu jeito decidido, para comunicar-me que estava disposta a fazer o mestrado e que eu seria o seu orientador. Mais do que isto, disse que necessitava fazer o mestrado em um ano e meio, pois este era o tempo de que dispunha. Respondi que tinha o maior prazer de orientar a sua tese, mas que ela teria que fazer o mestrado no prazo que fosse necessário.

Nunca uma orientanda exigiu mais de um orientador. Escrevia com uma enorme rapidez, trazendo-me sempre novos textos para ler. Contou-me que

---

2. Além dos Pakaa-Novo, Denise realizou surveys etnográficos junto às seguintes populações indígenas de Rondônia: Gavião, Jabuti, Karitiana, Makurap, Uru-weu-wau-wau e Wayoró.

trabalhava, em casa, a partir das 22 horas, quando os seus filhos iam dormir. Já entrou no mestrado sabendo qual seria o seu objeto de pesquisa, os Pakaa-Novo, grupo indígena do Rondônia, entre os quais já estivera várias vezes.

De fato, conseguiu terminar o seu mestrado em um tempo excelente. Defendeu a sua tese de mestrado em julho de 1986, ou seja, dois anos e meio após a sua matrícula. Antes dela, apenas um aluno tinha conseguido esta façanha.

Vaidosa, submeteu a sua tese ao concurso da ANPOCS. Soube que até o final ela ficou empatada com a de Nádia Farage. A comissão realizou uma nova sessão para o desempate. A outra tese, que por sinal é muito boa, venceu, pois a comissão considerou que tratava de um tema mais amplo.

A sua tese — que ainda continua inédita — foi o resultado de vários encontros com os Pakaa-Novo, realizados entre 1979 e 1986. O significado de seu encontro com esses índios Txapakura está bem marcado em um trecho de sua introdução que não tenho como deixar de transcrever: "Durante esses sete anos, quatro dos velhos com quem conversei morreram, e também um jovem, que me impressionou vivamente, veio a falecer de câncer. A cada uma dessas mortes, eu sentia uma responsabilidade imensa — e que não me julguem pretensiosa — de estar gravando no papel as suas palavras que, de outra forma — quem sabe? — cairiam no silêncio ao lado daquelas florestas imensas. Mas a morte ronda como um sentinela do tempo. E quantos se foram desde então! Após 10 anos ligada à região, posso dizer que ali está a minha juventude nos seus mais doùrados anos, e também essa sentinela indesejável, que engoliu amigos." Dez anos depois deste texto, exatamente em 19 de junho de 1986, a sentinela indesejável, em sua eterna ronda, levou Denise, em sua explêndida e jovem maturidade, utilizando-se do mesmo mal que matara o jovem que a impressionara vivamente. Exatamente ela que se incumbira de trazer até nós a palavra dos mortos, a história dos Pakaa-Novo e de seus oito grupos localizados que tanto trabalho deram, para serem classificados, à pesquisadora e ao seu orientador.

Disposta a continuar a sua carreira universitária, inscreveu-se no Programa de Doutorado em Antropologia da Universidade de São Paulo, tendo como professora orientadora a Dra. Aracy Lopes da Silva. Infelizmente, não teve tempo para terminar este curso.

Além de alguns relatórios de pesquisa, Denise nos deixou algumas publicações. Entre elas, destaco o seu livro *Guardiães da Fronteira — Rio Guaporé, século XVIII* (Petrópolis: Vozes, 1989); o volume que organizou,

Direitos Indígenas e Antropologia: Laudos Periciais em Mato Grosso (Cuiabá: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, 1994); além dos artigos "O Complexo Cultural do Marico: Sociedades Indígenas dos Rio Branco, Colorado e Mequens, Afluentes do Médio Guaporé" (*Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, vol. 7, nº 2, 1991) e "Da Aventura à Testemunha: um caminho etnográfico ao lado de Roque Laraia" (*Anuário Antropológico/92*, 1994), através do qual ela participou da homenagem que me foi proporcionada, na época em que a Universidade de Brasília me conferiu o título de Professor Emérito. Emocionado, reli recentemente este último artigo. As palavras amigas de Denise reafirmaram a minha certeza de que a grande gratificação da carreira docente consiste na oportunidade de ter como discípulos pessoas iguais a ela.

Denise partiu deixando em suspenso uma série de projetos[3]. A inquietude de seu cérebro, aliada a sua imensa capacidade de trabalho, não lhe permitia viver sem pensar em uma nova meta a atingir. A sua morte prematura constitui, sem dúvida, em uma perda irreparável para a Universidade Federal do Mato Grosso e para toda a antropologia brasileira. Para os seus familiares, amigos e colegas resta o consolo de terem tido a oportunidade, mesmo que efêmera, da convivência com a alegria, a graça e a inteligência de Denise Maldi.

---

3. Tenho conhecimento de um texto no prelo denominado *Os Últimos Filhos da Floresta*, que trata dos índios ainda isolados do Mato Grosso e de Rondônia. Em nosso último encontro, presenteou-me com um exemplar inédito de "Pantanais, Planícies e Sertões: uma reflexão antropológica sobre espaços brasileiros", um texto em que analisa "a forma como diferentes paisagens brasileiras, enquanto espaços geograficamente distintos, são percebidos, pensados e construídos a partir de critérios culturais e simbólicos".